



## ATRAVESSAMENTOS SUBJETIVOS: RESSONÂNCIAS DO ENCONTRO COM A VELHICE

Erilânia Ferreira Mendes <sup>1</sup>  
Emanuella Oliveira Diniz Lins <sup>2</sup>  
Karynna Magalhães Barros da Nóbrega <sup>3</sup>

### RESUMO

Com base na perspectiva psicanalítica, entende-se as fases do desenvolvimento como sendo da ordem de uma experiência, na qual esse percurso será traçado de acordo com as possibilidades e invenções de cada sujeito. Assim, não há como definir um conceito limitado que generalize a velhice, visto que, o que se tem, verdadeiramente, são velhices, na pluralidade, já que são constituídas no um-a-um. Desse modo, entende-se a velhice a partir de um traço singular em que cada sujeito expressa sua relação com a finitude do tempo. O propósito deste trabalho é demonstrar, diante das trocas de experiências dos alunos, professora e monitoras, os efeitos subjetivos da disciplina de Genealogia e Constituição da Subjetividade III: Idoso, da Universidade Federal de Campina Grande, a partir do programa de monitoria acadêmica no período de 2020.1 à 2021.1. Essa disciplina estabelece uma interface relevante com atividades culturais do dia-a-dia, tais quais, a literatura, a música e o cinema, e, assim, o rigor metodológico assume uma nova roupagem. As reflexões acerca do tempo chegam em forma de instante e de presente. Além disso, o momento de monitoria se deu em meio a pandemia, em que as discussões sobre tempo, vida e morte se tornaram mais intensas e mais enigmáticas. A participação dos alunos ocorreu pelos atravessamentos de vida que eram trazidos pelos estudantes. Ao final da disciplina, foi feito um sarau poético em que eles ficam à vontade para trazer trechos de livros, músicas e produções; os resultados são produções elaboradas e, mais que uma atividade obrigatória, mostram-se como uma tentativa de expressar sobre o tempo em que se vive. Essa disciplina, além do conteúdo teórico, permite que o aluno se aproprie de sua própria concepção de vida e de passagem do tempo.

**Palavras-chave:** Experiência, tempo, envelhecimento e psicanálise.

### INTRODUÇÃO

<sup>4</sup>A vida não é a que cada um viveu, mas a que recorda e como a recorda para contá-la.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, erilaniafm@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduada pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, eolid@hotmail.com;

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutora, Professora adjunta III do curso de Psicologia, Unidade Acadêmica de Psicologia, UFCG, Campina Grande, PB, e-mail: karynna.magalhães@professor.ufcg.edu.br.

<sup>4</sup> MÁRQUEZ, GARCÍA. G. Viver Para Contar. Trad.: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003.



O processo de envelhecimento é um fenômeno marcado por diversos estereótipos relacionados sempre a mesma questão: O que resta à velhice? É com base nesse questionamento que os discursos sociais e científicos embasam a velhice como uma fase do desenvolvimento que só resta restos e a espera. Desse modo, o idoso é visto como um ser que não tem mais nada a oferecer, com efeito, esse pensamento é reforçado pela máquina produtiva em que vive a sociedade civil, visto que para o capital, o sujeito velho não é mais considerado força de trabalho, portanto, por diversas vezes, não é considerado um sujeito em suspensão (GOLDFARB, 1998, p. 14) para a sociedade.

Ademais, a representação social do velho em filmes e veículos midiáticos estão na contramão da realidade brasileira atual. O “bom velhinho” é um clássico, mas está longe de ser um modelo frequente de idoso, pois é interessante compreender que a concepção de um sujeito idoso como alguém passivo, interfere diretamente ao modo como ele se percebe no contexto do laço social, de modo que sua autonomia se torna alvo de controle, seja da família, seja do estado. Claro que em alguns casos de demências agudas, torna-se necessário que um familiar seja responsável pelo idoso, porém há casos em que não existe essa urgência e, mesmo assim, as decisões sofrem sérias repreensões.

Esse acontecimento é esclarecido por Beauvoir (1970) em seu livro *A velhice*, em que ela pontua sobre como a categoria de estudos acerca da velhice parte de pressupostos da medicina, pela noção de decadência do organismo, assume-se, então, uma perspectiva patológica quanto a própria noção de envelhecimento. Ao reduzir esse campo de estudo aos processos fisiológicos, as consequências são um desinvestimento na vida no período da velhice.

Além disso, quanto ao fato de tomar a experiência do sujeito idoso por uma óptica opaca de responsabilização, há, verdadeiramente, um empuxo a uma infantilização, em outras palavras, esse caso é muito bem representado pela dita popular: “Quando se envelhece voltamos a ser criança”. Esse pensamento, apesar de bastante difundido, não faz sentido, pois, enquanto que uma criança tem como principal característica a descoberta das experimentações inéditas no mundo, o idoso possui uma vida de histórias vividas que formam a sua subjetividade.

Partindo dessas concepções que circulam no laço social em torno do que é ser um velho, a disciplina de Genealogia e Constituição da Subjetividade III: Idoso, da



Universidade Federal de Campina Grande, pretende, através do plano de ensino, fazer sobrevir outras direções para se pensar o que é ser velho e qual o papel da psicologia ao pensar sobre a velhice. Para isso, a disciplina conta a contemplação do Programa<sup>5</sup> de Monitoria que dispõe de recursos para promover estímulo à formação acadêmica.

Este trabalho parte da percepção das monitoras quanto ao nível de afetações subjetivas que esse componente curricular provoca. Isso foi observado quando estavam na posição de alunas da disciplina, como, também, na posição de monitoras. Durante os períodos de vigência, foi possível notar que a disciplina, além de fornecer um vasto conteúdo teórico, permite, também, que o aluno se aproprie de sua concepção de vida e de passagem do tempo. Tal fato é incentivado por meio das atividades que são propostas durante as aulas, sendo elas: o uso da conversação, ou seja, fazer do aluno um protagonista em seu percurso acadêmico, o exercício da escrita e de oficinas.

Essa apropriação de concepção e reflexão acerca da vida e do tempo provoca afetações contínuas nos estudantes, nas monitoras e na professora. Com efeito, surge, a partir da disciplina, alguns sinais e produções que dizem respeito ao impacto da cadeira na subjetividade do próprio discente e das trocas de saberes experimentadas nesse percurso. Dessa forma, esse trabalho consiste em demonstrar os efeitos subjetivos da disciplina de Genealogia e Constituição da Subjetividade III: Idoso, da Universidade Federal de Campina Grande, a partir do programa de monitoria acadêmica no período de 2020.1 a 2021.1.

## **METODOLOGIA**

Esse presente trabalho possui o caráter de um relato de experiência da monitoria da disciplina de Genealogia e Constituição da Subjetividade III: Idoso, prestado no curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, na vigência de 2021.1. Tem como trilha metodológica o produto das supervisões realizadas com a professora da disciplina, além disso, tem como aporte teórico o campo da psicanálise de orientação lacaniana.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

---

<sup>5</sup>Esse trabalho é resultado do Programa de Monitoria da Universidade Federal de Campina Grande coordenado pela Coordenação de Programas e Estágios e financiado pela própria instituição.



A disciplina de Genealogia e Constituição da Subjetividade III: Idoso, subverte a lógica desenvolvimentista, pois pensa o ser velho em sua dimensão inconsciente como sendo um sujeito de desejo. A partir dos paradigmas da psicanálise de orientação lacaniana e tomando como referências bibliográficas os textos de Freud, Lacan e seus contemporâneos, tais como Ângela Mucida e Délia Catullo, a proposta do componente curricular é localizar o velho no laço social como um sujeito que responde e inventa sua própria velhice, dessa forma, a velhice é considerada por seu potencial plural e múltiplo, assim, cai por terra o ideal hegemônico do que é ser velho.

Goldfarb em *Corpo, tempo e envelhecimento* (1998), resultado de sua dissertação de mestrado, resgata o árduo trabalho de encontrar referências para embasamento teórico. Segundo a autora, isso ocorre por conta de que, nas primeiras formulações da psicanálise enquanto práxis, Freud se mostrou resistente ao esclarecer o tratamento psicanalítico era contraindicado para pessoas idosas, pois, justifica que a acumulação de aparato psíquico desfavorecia o tratamento e, também, não possuíam plasticidade necessária para os empreendimentos de uma psicoterapia. (GOLDFARB, 1998, p. 04)

Depois que os contemporâneos de Freud abriram os caminhos da psicanálise e os tempos foram se modificando, cada vez mais foi percebido que o tratamento psicanalítico não pode ser negado aos idosos, visto que a velhice não tem a ver com uma involução, já que trata-se, verdadeiramente, de um acúmulo de experiências da vida. Assim, a proposta de Goldfarb (1998), é compreender e questionar a construção da subjetividade no sujeito velho e nas pessoas que se dedicam a estudar e trabalham com essa parte da população.

Além disso, a autora fundamenta que reconhecer-se velho é um exercício difícil, uma vez que o velho sempre é o outro, tal qual fundamenta Beauvoir. Essa característica pode ser exemplificada pelo trecho presente no livro de Gabriel García Márquez, *Memória de minhas putas tristes* (2005), em que o personagem principal, um senhor prestes a completar seus noventa anos, narra:

A verdade é que as primeiras mudanças são tão lentas que mal se notam, e a gente continua se vendo por dentro como sempre foi, mas de fora os outros reparam. Na quinta década havia começado a imaginar o que era velhice quando notei os primeiros ocos da memória. (Márquez, 2005, p.13)

Outro ponto importante que Goldfarb (1998) explica é que ao se escutar um sujeito velho, ele nos fala de tempo, de finitude, de vida, de morte e de um corpo que já não reconhece seus próprios limites. Esse corpo, muitas vezes, é um aprisionamento e empecilho, já que não tem o mesmo calibre para acompanhar os desejos. Porém, somos habitados pelo corpo que não pode ser representado somente em sua materialidade orgânica, mas também pela sua via inconsciente, no qual é tocado pela linguagem, e consequentemente, pela palavra que vem do outro.

Desse modo, Goldfarb (1998), teoriza sobre o espelho negativo, em que o sujeito velho não se reconhece diante de sua imagem no espelho, inclusive situa diversos exemplos em que, nas entrevistas realizadas por ela, é comum que ocorra uma desarmonia quanto à posse do corpo, tratando-o em terceira pessoa, por exemplo: “Este corpo não serve mais para nada” (Goldfarb, 1998, p. 39).

Além disso, há questões estéticas e estigmas sociais que não passam em branco nessa temática. Inclusive, é interessante se questionar qual a verdadeira finalidade de, por exemplo, um creme que promete rejuvenescer ou um hidratante anti-idade. De fato, serão esses corpos que vão chegar até os profissionais de saúde e é necessário que sejamos éticos em nossas condutas, pois são, corpos que precisam, sobretudo, serem escutados.

O caminho trilhado epistemologicamente para elaboração do plano de ensino da disciplina e para os trabalhos desenvolvidos pelas monitoras segue uma linha de investigação de caráter psicanalítico, na qual pretende discutir as questões que permeiam o campo do envelhecimento, sem reduzi-lo a um discurso lógico e científico, pois se aposta nas invenções que podem advir de uma escuta qualificada. Além disso, propõe que o sujeito resgate sua história e percurso da vida, por meio de uma rememoração que diz respeito a produzir o que é possível a partir das significações feitas no presente (Goldfarb, 1998).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para a psicanálise, o inconsciente do sujeito escapa por meio de lapsos, atos falhos, entre outros. Assim, em uma transmissão, algo da ordem do inconsciente também se transmite e cada um vai se agarrar ao significante que te serve. É desse modo que se pretende realizar uma transmissão na disciplina de idoso da UFCG. O



componente curricular trata, para além de uma fase do desenvolvimento, pois prevalecem as paixões do ser como saída frente ao luto e a passagem do tempo. Então, é comum que os alunos exponham questões sobre sua própria idade, sobre as fases que já passaram, a passagem de tempo refletida nos pais, no envelhecimento dos avós, no próprio sentimento do luto de alguma morte e no sentido de “será que vou estar vivo nessa idade?” ou “como será que vou estar nessa fase?”

A oferta da disciplina tem como principal objetivo que os alunos possam se apossar da experiência de ser pessoa ativa no estudo do envelhecimento. Sendo assim, o cronograma é composto, tanto com os textos a serem trabalhados, como também há uma divisão de temáticas, em que cada aluno fica responsável por abrir a aula com alguma matéria do portal do envelhecimento ou apresentar algo que seja de seu interesse.

Além disso, ocorre a participação das monitoras que são responsáveis por trazer diferentes materiais para as aulas. Durante todo o percurso da monitoria, foram realizadas diversas atividades, uma delas foi uma roda de conversa com um médico especialista em cuidados paliativos, nesse momento, as aulas estavam de modo remoto, pois, estávamos no auge da segunda onda do COVID-19, e a participação desse profissional fez com que tornasse claro muitas dúvidas acerca do manejo com idosos.

Outro recurso utilizado é o que, logo no início do semestre, apresentamos dois recursos que são produtos à longo prazo, que são: a produção de uma playlist com músicas que os alunos relacionam com o processo do envelhecimento, ou até mesmo lembrem de algum idoso que faz parte de sua vida, essa atua como um memorial do componente curricular, em que cada aluno deixa sua marca em forma de música.

E o segundo recurso, a longo prazo, é a sugestão de que eles produzam uma carta para si mesmo quando tiver 80 anos. No que tange à produção da carta, esse exercício de escrita dá contorno ao real da passagem do tempo e atua como uma verdadeira oficina de escrita, que toca em muitos pontos íntimos. A carta fica a critério se o aluno quer externar ou guardá-la.

Outros recursos utilizados são as aulas que abrem o diálogo para enxergar a velhice a partir de uma óptica literária e nesse momento fazemos uso de autores célebres como Gabriel García Márquez, João Guimarães Rosa, Stênio Gardel e entre outros.

Ademais, foi realizada uma oficina de velhice e cinema, nos servindo de trechos de filmes, séries e novelas para compreender a velhice como uma experiência singular



para cada um. Por fim, ao final da disciplina realizamos um Sarau Poético como meio de simbolizar o encerramento da disciplina. Trata-se de um rito de passagem para simbolizar a trajetória percorrida epistemicamente, esse é um momento singular, onde cada um dar de si, os alunos trazem objetos e outros recursos, alguns trouxeram músicas tocadas em instrumentos ao vivo e por eles, vídeos da calçada de casa, músicas, poemas, colagens, textos, trechos de livro e relatos de experiência. É um momento muito rico em que se percebe verdadeiramente o alcance da disciplina para os alunos.

O que se percebe quando é proposto que o aluno seja protagonista nessa disciplina é que o tema da velhice é um discurso que diz da subjetividade de cada um. É muito comum que, em certo momento da cadeira, aconteça um desinvestimento por parte dos alunos, com isso, observamos que falar e refletir sobre o sujeito do envelhecimento causa um efeito de implicação na própria temporalidade de vida. Tal acontecimento é descrito por Goldfarb (1998),

Um fato é inegável: o profissional que, desde qualquer área do conhecimento se dispõe a ouvir um idoso, só conta com a negação como estratégia para evitar o confronto com seu próprio destino. Ele sabe que se tiver sorte, e não morrer jovem, chegará lá. E este “chegar lá” na nossa sociedade moderna, não é nada alentador. (Goldfarb, 1998, p. 06)

Logo, o que se espera, como efeito *a posteriori*, é que os alunos possam compreender que estudar sobre o envelhecimento demanda uma implicação subjetiva. Essa tarefa é árdua, mas o que se pretende transmitir na disciplina, principalmente, através das injeções de libido promovidas pelas oficinas, é, sem dúvida, uma aposta no amor e no que não envelhece: o desejo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desculpe me dê o senhor, sei que estou falando demais, dos dois lados. Resvalo. Assim que a velhice faz. (...) esta vida é de cabeça para baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas. Mas, conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere” (Rosa, 2019. p. 109)

Atuar na disciplina de Genealogia e Constituição da Subjetividade III: Idoso é um desafio para nossa própria pulsão de vida. A tarefa é transmitir que o dever de um profissional é o de tratar o sujeito do envelhecimento como protagonista da própria história de vida. Dessa forma, os atravessamentos subjetivos provocados pelo



componente curricular estão diretamente relacionados às próprias concepções de finitude e de vida para os alunos. É comum que muitos fiquem se questionando sobre o que estão realmente fazendo com seu tempo de vida. Observa-se, então, que o objetivo principal da disciplina foi alcançado no possível de cada um, vez que busca entender o velho é, também, se confrontar com sua noção de temporalidade e do futuro.

Por isso é preciso subverter a lógica de infantilização do velho. É necessário que o caminho tome outro rumo, não seguir pela via de identificar o velho como aquele que retorna ao estado infantil, por ser um período em que a criança necessita depender de um outro para tomar decisões e auxiliá-lo no desenvolvimento, mas pela via de apostar em um infantil que revela o que há de mais inventivo e subversivo no saber humano, tecer um lugar de um saber que, ainda, pode ser inédito.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. A velhice. 3. ed. Rio de Janeiro: **Editora Nova Fronteira Participações S.A**, 2018.

GOLDFARB, D. C. Corpo, tempo e envelhecimento. São Paulo: **Casa do Psicólogo**, 1998.

MÁRQUEZ, GARCÍA. G. Memórias de minhas putas tristes. 12º. ed. Rio de Janeiro: **Record**, 2006.

MÁRQUEZ, GARCÍA. G. Viver Para Contar. Trad.: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: **Record**, 2003.

ROSA, J.G. Grandes Sertões: Veredas. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2019.